



# Palácio do aconchego

“Deste Planalto Central, desta solidão que em breve se transformará em cérebro das altas decisões nacionais, lanço os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu país e antevejo esta alvorada com fé inquebrantável em seu grande destino”

Juscelino Kubitschek, no discurso de lançamento da pedra fundamental da construção de Brasília

» ATAIDE DE ALMEIDA JR.

Se estivesse à venda, o Palácio da Alvorada bem que poderia ser anunciado assim: lugar privilegiado às margens do lago Paranoá. O terreno plano do cerrado contribuiu para o andamento da obra e até para a criação de emas. O material utilizado na obra é de primeira. Por fora, o mármore branco reluz o nascer e o pôr do sol. Por dentro, o piso de madeira de jacarandá-da-baía dá o charme. São três andares ao todo. O subsolo abriga um auditório para 30 pessoas, sala de jogos, almoxarifado, despensa, cozinha, lavanderia e uma sala para administração. No térreo, há três salões utilizados para receber convidados, e no primeiro andar se encontram quatro suítes, dois apartamentos completos e uma sala íntima. Tudo reformado. Mas, infelizmente, esse prédio não tem preço. Tem valor. Histórico, cultural e sentimental.

O lugar que serviu de inspiração para tantos outros pontos turísticos de Brasília, o único das obras de Oscar Niemeyer que também é residencial, já recebeu Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros — que levou a mãe para morar com ele e a família, gesto repetido apenas pela atual presidente —, João Goulart e a maior parte dos presidentes militares. Com o fim da ditadura, sociólogos, metalúrgicos, estrangeiros e o povo já entraram na morada mais famosa da República. Apenas uma vez o Palácio foi preterido por outra morada: Fernando Collor de Mello, que governou entre 1990 e 1992, escolheu a Casa da Dinda. Itamar Franco apenas não dormia no Alvorada, mas o utilizava para despachar com autoridades.

O palácio desperta os mais diferentes sentimentos. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, no livro *A arte da política — A história que vivi* (Editora Civilização Brasileira), descreve como se sentia bem no local e contou detalhes da residência. “Mais adiante, passado um hall, há outra sala que seria o escritório de Ruth, forrado de livros. Passa-se um vestibulo e chega-se a um closet destinado ao presidente, tão vasto que jamais tive oportunidade para preenchê-lo. Uma passagem leva ao quarto do casal, com banheiros individuais e uma varanda. Tudo muito grande, amplo e alegre.” A presidente Dilma Rousseff, por sua vez, disse em um programa de televisão que ainda tenta se acostumar com o

Palácio, mas ele não é “muito aconchegante.”

“O Alvorada foi um projeto que causou grande impacto e influenciou a arquitetura no mundo inteiro. Ele trouxe uma grande novidade no campo da arquitetura e foi muito bem-sucedido na sua originalidade”, explica Sylvia Ficher, professora de arquitetura da Universidade de Brasília (UnB).

Invejada no mundo inteiro, a obra de Oscar Niemeyer foi a inspiração para outros edifícios de Brasília e de outros países. “Se for observar os prédios principais do Lincoln Center, em Nova York, inclusive a ópera metropolitana, eles tem arquitetura profundamente influenciada pela de Brasília, principalmente no Alvorada”, ressalta Ficher. Tão bonita que até o papa Pio XII mandou uma mensagem apostólica ao ex-presidente Juscelino Kubitschek, pedindo a Deus que “assistisse com especiais favores quantos procuram guiar o Brasil na senda do progresso.”

## Reforma

Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva o Alvorada passou pela primeira reforma geral desde a inauguração. As obras, supervisionadas pessoalmente pela ex-primeira dama Marisa Letícia e acompanhadas por Oscar Niemeyer, recompuseram a decoração original do lugar. A obra custou R\$ 18,4 milhões, R\$ 2 milhões a mais que o previsto, durou 10 meses e foi feita por 20 empresas em conjunto. Rachaduras e infiltrações eram as principais ameaças ao prédio.

Além disso, ex-presidentes também alteraram detalhes dos móveis. No governo Collor, os armários dos quartos, originalmente revestidos de lambris, foram pintados de branco — pedido feito pelo então chefe de Estado, embora ele não tenha vivido no local.

Anos mais tarde, foi necessário pedir ajuda do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis (Ibama) para recuperar o piso do térreo. Como a madeira do chão é feita de jacarandá-da-baía, que tem o comércio proibido, foi preciso utilizar madeira apreendida pelo Ibama.

A casa da presidente também está aberta para visitação pública. Toda quarta-feira, das 15h às 17h30, turistas e curiosos podem entrar na residência oficial. O passeio, no entanto, contempla apenas a parte externa do palácio.

## Canção dos pioneiros

(Eu vi o candango triste cantando sobre o planalto a canção dos pioneiros a canção cantava assim:)  
O Palácio da Alvorada não é castelo de mouro nem coisa do arco da velha nem morada de fidalgo rei de Espanha ou qualquer outro: é um palácio de cristal leve armadura de ventos em doces linhas montado ritmo de pausa emendado ou voo curvo de pássaros voando entrelaçados por entre os vãos do palácio

Bandeira dos pioneiros presa a uma haste de prata bandeira deste país erguida sobre o planalto (que a brisa beija e balança) no gênio de Castro Alves e mais heróis legendários

Mais brasileira essa terra com esta bandeira-perfil de Brasília construída com cruz plantada no chão linguagem e poema pátrio (flor do Lácio inculta e bela) no poema de Bilac

No sonho dos bandeirantes mártires e heróis brasileiros tamoios/confederados (de Fernão Dias Paes Leme Mororó e tantos outros Frei Caneca e Tiradentes que a liberdade é uma só praieiros & inconfidentes)

O Palácio da Alvorada — cisne nadando em espumas — moça-virgem de grinalda donzela de seio-pluma.

José Alcides Pinto, poeta cearense, nasceu em São Francisco do Estreito, distrito de Santana do Acaraú. Poemas para Brasília, antologia de Joanyr de Oliveira

GASTOS

R\$ 18,4 milhões

Valor das obras de reforma do Alvorada